

Entre 2019 e 2020, o grupo de segunda-feira do Hermes Artes Visuais se encontrou para conversar a respeito dos trabalhos de arte que seus integrantes criavam, mas também para ler e discutir sobre arte. Dentre as leituras estava o livro "Bad New Days", do crítico de arte e historiador estadunidense Hal Foster. Lançou-se a proposição de criar trabalhos ou ainda ler os trabalhos que iam se apresentando sob a chave da precariedade, assunto de um dos capítulos do livro. No texto, o autor comenta sobre produções que não apenas mimetizam o precário, mas que também apontam para questões que são próprias de uma mudança histórica mundial recente e que afeta a todos. Vivemos em um sistema econômico que retira propositalmente os direitos da população: "O Oxford English Dictionary nos informa que o precário deriva" do latim precarius, obtido por petição, dependendo do favor de outro, daí incerto, precário, derivado de precem, oração". Essa definição ressalta que esse estado de insegurança é construído, projetado por um regime de poder de quem o precariado depende de favor e que só pode pedir ajuda."

"Últimos dias" é resultado de um processo coletivo. A exposição que já tinha nome e abertura marcada para março foi adiada algumas vezes por conta da pandemia. Nesse meio tempo, com todas as mudanças provocadas pelo vírus, questões que antes pareciam um tanto abstratas se colocaram nítidas e presentes: o assunto, ao invés de perder interesse, se tornou mais pertinente. Infelizmente são diversas áreas sofrendo uma orquestrada deterioração, desde campos fundamentais como a saúde, educação, saneamento básico, meio-ambiente até questões no âmbito da cultura. Destaca-se a precarização que os trabalhadores sofrem paulatinamente, perdendo seus direitos, aí inclusos os artistas, como intelectuais precários, que atuam sem sequer contar com o reconhecimento de suas práticas como trabalho.

Além disso, o golpe inesperado que tomou todos os planos e a experiência do isolamento inevitavelmente atravessaram os artistas e podem ser vistas nos trabalhos. A precariedade aqui tratada é, portanto, um assunto que se expande e pode estar na efemeridade, na condição transitória, fugaz e pouco confiável da vida na contemporaneidade.

Contando com trabalhos em diversas linguagens, pintura, vídeo, fotografia e objetos, é possível perceber na exposição o recorrente uso da palavra e a torção dos seus sentidos. O próprio título "Últimos dias" tem um tom ao mesmo tempo publicitário e apocalíptico, se refere ao estranho ano de 2020 e ainda se liga ao título do livro que serviu de disparo para estas explorações.



Leia o código ao lado com a câmera de seu celular e acesse todas as informações sobre a exposição, o mapa e detalhes sobre as obras

ADRIANO FRANCHINI,
CLÓVIS TEODORICO,
CORINA ISHIKURA,
DEBORA RAYEL EVA,
DIEGO MARCICANO,
FEFA LINS,
FERNANDA ISOLA,
GUILHERME BORSATTO,
GUSTAVO ARAGONI,
JAMILA MARIA,
JUSSARA MARANGONI,
LORENA BERNARDES,
MARCELO BARROS,
MARI NAGEM,
MARIA LUÍZA MAZZETTO,
ROBERTO UNTERLADSTAETTER,
TOMIE SAVAGET,
MARCIA MORELLI

ORGANIZAÇÃO **MARCELO AMORIM**

VISITAÇÃO POR AGENDAMENTO:
residenciafonte@gmail.com
[@residenciafonte](https://www.instagram.com/residenciafonte)

ONTE

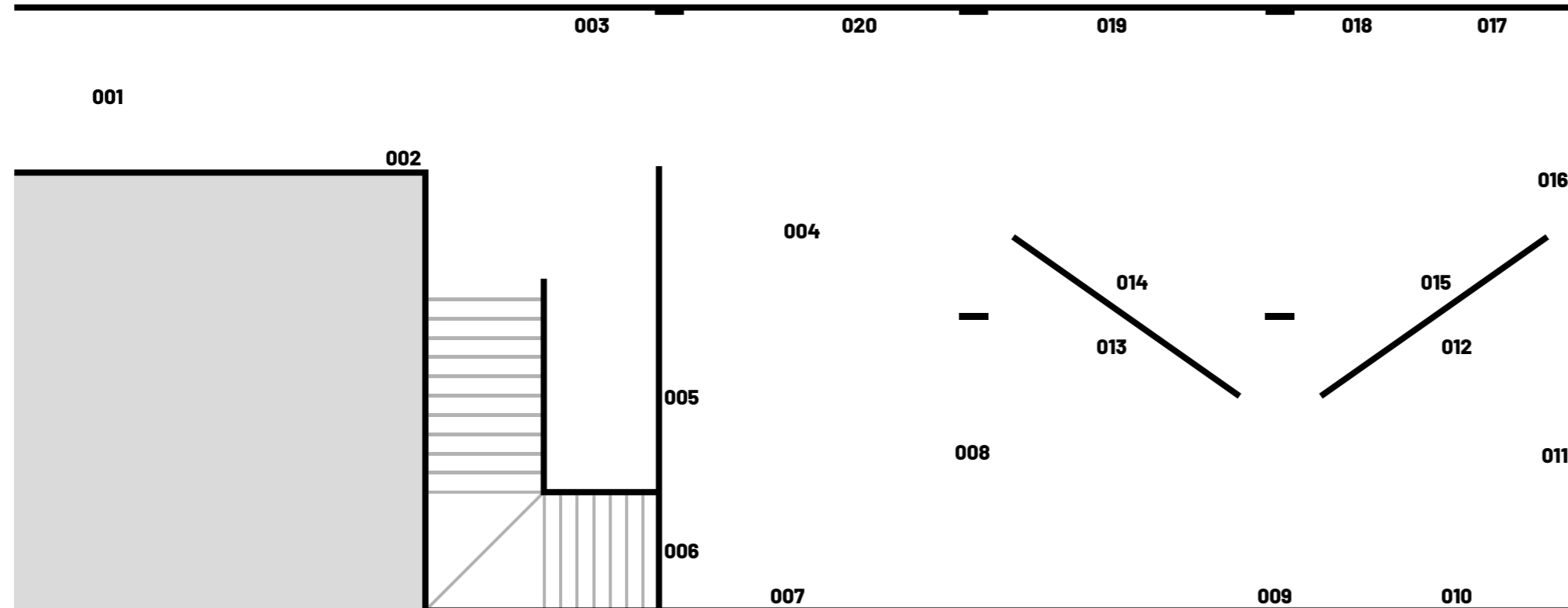
RUA MOURATO COELHO,
751 - VILA MADALENA

REALIZAÇÃO  hermes



12 A 28
DE NOVEMBRO
DE 2020

ÚLTIMOS DIAS MAPA DA EXPOSIÇÃO



001. Marcia Morelli

Tarefas de casa II, 2020. Vídeo color mudo . 02'28"

002 e 014. Roberto Unterladstaetter

Família Vende Tudo, 2020. Bandeira de mesa,

madeira, poliéster. 30 x 15 x 15 cm.

Vive e Trabalha, 2020 . Tinta látex preta sobre parede.

003. Clóvis Teodorico

Ministério do Trabalho, 2020. Letreiro de PVC expandido e spray metálico dourado . 50 x 300 x 10 cm.

004 e 018. Diego Marcicano

Sem Título, 2020. Remo de madeira 1,60m ,corrente de aço inox de 5m e âncora danforth de aço inox de 9kg.

Sem Título, 2019. Duas seringas, contendo anestésico, ligadas e fundidas a uma agulha. 32 x 6,5 x 2 cm.

005. Fernanda Isola

Ancestral - corpo, 2020. Malha de aço, cipó, musgo barba de velho, pedra e máscara de esgrima . 145 x 52 x 45 cm.

006. Corina Ishikura

Sem Título, 2020. Série micro bios.

Óleo sobre tela, 10 x 15 cm; *Sem Título*, 2020.

Série micro bios. Óleo sobre tela, 15 x 15 cm;

Sem Título, 2020. Óleo sobre tela. 30 x 30 cm.

007. Jussara Marangoni

Entre terra e céu, 2020. Carvão sobre papel . 500 x 100 x 150 cm.

008. Mari Nagem

Banho de Sol, 2020. Acrílica sobre

tecido, colchão, fruta . 128 x 188 x 20 cm;

Banho de Sol, 2020. Acrílica sobre tela . 30 x 30 cada.

009. Guilherme Borsatto

Sem Título, 2020. Instalação de papelão, acrílica

preta, marcador azul e massa acrílica . 70 x 70 cm.

010. Jamila Maria

Como Se Fosse Casa, 2020. Série Morar Num Mês?

Fotografias polaroid recortadas, sem película e tratadas em químico sobre pedra portuguesa.

011. Debora Rayel Eva

Objetos nº1 a nº6, 2020. Impressão fine art sobre papel algodão Photo Rag 308gsm Hahnemuhle. 64 x 47 cm.

012. Maria Luiza Mazzetto

Marcela Varicela, 2019. Biscuit (rosa). 100 x 100 x 3 cm;

Marina Melatonina, 2019. Biscuit (verde). 100 x 100 x 5 cm;

Patricia Icterica, 2019. Biscuit (amarelo). 30 x 25 x 2 cm;

Brigitte Gengivite, 2019. Biscuit e sementes. 20 x 30 x 3 cm;

Rodrigo impetigo, 2019. Biscuit (verde), 20 x 20 x 12 cm;

Vera Verruga, 2019. Biscuit (vermelho). 50 x 10 x 1,5 cm;

João Convulsão, 2019. Biscuit (laranja) 60 x 80 x 0,5 cm;

Lucas Lúpus, 2019. Biscuit sobre

suporte plástico. 30 x 30 x 15 cm.

013. Fefa Lins

Sem Título, 2020. Óleo sobre tela. 130 x 105 cm;

Fazer a barba, 2020. Fotografias Digitais. 10 x 15 cm.

015. Lorena Bernardes

Sem Título, 2020. Série: Ensaios Casulo.

Aquarela Sobre Papel. 15 x 12,5 cm

016. Adriano Franchini

O Jacto Milagroso De Uma Fonte, 2020. Papel

térmico, álcool 70%, secador de cabelo, rabo- quente e ferro de passar roupa . 173 x 200 x 90 cm.

017. Tomie Savaget

Símbolo Nacional Pregado Com Fita Adesiva,

2020. tecidos e pedrarias . 100 x 120 cm.

019. Gustavo Aragoni

Exercícios Para Decompor Um Corpo N.1 e 3, 2020.

Fotografia digital sobre papel de celulose,

5 partes de 15 x 21 cm cada (políptico);

Estudos Para (Des)Configurar, 2020. Fotografia

digital sobre papel de algodão. 42 x 75 cm (políptico);

Sem Título, 2020. Colagem, tinta e pastel com

incisões em retalho de lona vinilica. 150 cm x 160 cm;

Sem Título, 2020. Papel, cola, tinta, retalhos de lona,

barbantes e resíduos orgânicos. 50 x 40 x 25 cm.

020. Marcelo Barros

Sumário, Precário e Derrelição, 2020. Três

bandeiras em courvin vermelho, impressas

em dourado. 100 x 70 cm (cada).

Roberto Unterladstater apresenta uma pintura em grande escala feita diretamente na parede, lembrando murais publicitários. A frase "vive e trabalha" faz pouco sentido fora do mundo artístico, afinal, hoje parece ser impossível desvencilhar o viver do trabalhar. Por outro lado, na maior parte dos casos o fazer artístico não é considerado trabalho. Está difundida uma visão romântica de que a arte deve ser um exercício passional, exacerbada pela ausência de regulamentação da profissão. **Clóvis Teodorico** também lida diretamente com o mundo produtivo e suas representações. Através de letras caixa fixadas nas paredes, o artista nomeia espaço expositivo de "Ministério do Trabalho", órgão eliminado pelo nosso presidente em um de seus primeiros gestos políticos. Clóvis está se referindo a algo que agora parece existir apenas como um símbolo esvaziado, como o fantasma de um aparato estatal que dizia estar do lado do povo. As representações do Estado são comentadas por **Tomie Savaget**, que busca reproduzir a bandeira do Brasil que foi utilizada por Bolsonaro em um de seus pronunciamentos como candidato a presidente. A bandeira, que servia de fundo à sua fala, havia sido pregada à parede apenas com fita silver tape. Tendo caído no meio do seu discurso, tornou-se um meme ligado à ideia de fracasso, amplamente repercutido nas redes sociais. Tomie Savaget recria bandeira e situação utilizando materiais próprios do carnaval brasileiro, aludindo talvez ao espetáculo e encenação da política atual.

Marcelo Barros enfrenta o tema da austeridade e da precarização diretamente, através de bandeiras que se assemelham a capas de livro. Usando três palavras que parecem ser os títulos e também sugerem uma trilogia: Precário, Sumário e Derrelição; aparenta identificar um discurso recorrente do estado para com a cultura: para superar a precariedade é preciso fazer cortes, chegando a estruturas mais enxutas. Por trás desse discurso de persuasão revela-se por fim a derrelição, apenas um abandono proposital com o intuito de cessar responsabilidades entre as partes. **Márcia Morelli** se volta para o trabalho doméstico, que ocupa uma posição subalterna, quase invisível, na nossa sociedade. No vídeo *Tarefas de casa II*, uma tela dividida ao meio mostra a ação da artista em dois momentos: por trás de uma cortina translúcida, ela a esfrega com uma bucha ensaboada. À direita, a espuma produzida segue escorrendo. Como transformar uma atividade cotidiana em uma atividade criadora? Qual a potência poética que podemos encontrar em nossas domesticidades? **Guilherme Borsatto** investiga os resultados da pandemia e da desigualdade social em nossas casas com um trabalho site specific, intervindo diretamente na parede. Se utilizando do papelão de embalagens, ele reforça através do desenho seus sinais característicos enquanto cria uma amalgama de massa corrida que conecta os limites dessa espécie de colagem com a parede ao redor. Se o período de isolamento das classes sociais abastadas se deu, foi porque uma outra camada social continuou em ação, entregando produtos. Nas casas criou-se uma antessala para armazenar em quarentena tais embalagens que estavam em contato com o mundo e por isso suspeitas de carregar o vírus. Guilherme transforma a abstração do cubo branco em coisa contornada, como que revelando uma camada que poderia estar por baixo, constituindo a parede.

Adriano Franchini trabalha explorando camadas, mas do tempo, da memória e do esquecimento. Ele utiliza papel térmico, igual aos dos cupons fiscais, desenhando sobre ele com aparelhos que o aquecem para deixar marcas, reproduzindo a imagem de um azulejo português com as manchas de cor azul que surgem. O artista escolhe recriar uma imagem do passado em um material que está fadado ao apagamento, comentando nossa relação com o tempo, com as vidas que passam e são esquecidas, e com as histórias que decidimos recontar. Em *Banho de Sol*, **Mari Nagem** lida com memórias e vontades íntimas, domésticas, pintando o que poderia ser uma abstração geométrica sobre um lençol. A cor fluorescente traz a energia dos raios de sol que entram por uma janela sobre a cama. A casca de uma tangerina completa a composição e nos faz pensar sobre quem habitou aquela cama, se o registro fixo do sol é uma lembrança ou um desejo. **Maria Luiza Mazzetto** invoca memórias da infância, utilizando massa de biscuit, material utilizado comumente por crianças em atividades escolares, para criar formas amebóides com cores vibrantes. Com títulos compostos pela combinação de nomes próprios e nomes de doenças, a artista parece remeter a um processo de infantilização que incentiva as pessoas a ignorar a realidade da pandemia trocando-a por um mundo cor-de-rosa. O esforço de infantilização da população e a adoção do kitsch são características recorrentes de regimes totalitários.

Diego Marcicano materializa esse estado de tensão unindo duas seringas usadas na odontologia para aplicar anestésicos. Sua estratégia de soldar as duas agulhas, além de negar sua função, nos faz sentir uma pressão represada, como quando nossas fugas não solucionam nada, e acabam agravando ainda mais a crise. O artista também apresenta um remo ligado a uma âncora: movimento e rigidez unidos de modo que ambos ficam presos em uma inércia insuperável. **Fernanda Isola** nos mostra essa luta de opostos, mas no campo da experiência humana. Ela cria um objeto composto por um capacete de esgrima, uma estrutura de ferro usada na construção civil, uma pedra, um ninho e raízes. O capacete e o metal se estabelecem como tentativas de ordenação, enquanto as raízes se desdobram a seu redor. A artista parece indicar que a potência e a vitalidade do nosso ser sempre afloram, independentemente de nossos impulsos de racionalização. O impulso colonizador também é trabalhado por **Débora Rayel**, que cria pequenas estruturas e então as fotografa com uma luz típica da estética publicitária. As formas arquitetônicas sólidas revelam-se pequenas tampas de frascos que foram empilhadas e estão coladas apenas pelo registro fotográfico, assim como faz **Gustavo Aragoni**. O artista cria uma relação entre a fotografia e a escultura, ao procurar tornar fixo através da foto um volume de materiais que de outro modo desmoronariam. Além de voltar-se para o cotidiano, utilizando materiais que encontra no ambiente urbano, apresenta também a dinamicidade do corpo que torce, corta, rasga, empilha e derruba. Seu conjunto de ações, antes de priorizar a criação de objetos, procura destacar a prática e o processo. O trabalho *Sopro*, de **Jussara Marangoni, remete ao processo da vida, a condição de vivente, o ar que vai da primeira respiração ao estertor, como na curtíssima peça "Breath", de Samuel Beckett. Vemos uma estrutura que se parece com uma raiz, mas também com uma rede de nervos, como representados em livros de anatomia. É um desenho a carvão que representa a madeira viva, mas traz a materialidade da sua versão carbonizada. **Lorena Bernardes** trabalha com a ambiguidade das formas vivas. Utilizando-se da aquarela cria imagens que ficam entre plantas e partes da anatomia animal. Se temos como consenso a beleza das plantas temos também a visão dos órgãos internos tida como abjeta. A artista estabelece um estado de indefinição que nos faz perceber as semelhanças entre todas as formas de vida, transitando entre o delicado e o grotesco, entre a beleza e a atrofia.**

Corina Ishikura também lida com a ambiguidade, mas jogando com a escala. No conjunto de pinturas *Micro bios*, as formas se assemelham por vezes a vistas aéreas de ilhas ou a organismos microscópicos. Uma dualidade de sensações pode se estabelecer se lermos essas estruturas cheias de movimento como algo vital, mas que também podem ser pensadas como algo invisível e potencialmente disruptivo. **Fefa Lins** traz dois trabalhos a respeito da identidade de gênero, mostrando que forças internas e externas estão sempre em jogo nas maneiras que nos apresentamos para o mundo. Na série de fotografias no tradicional formato 10 x 15 cm, ligado à fotografia caseira, a artista está diante do espelho empunhando um pincel de rímel não para alongar os cílios, mas para criar pra si barba e bigode. Apenas uma sombra de barba nascente cria uma persona masculina que poderia ser lavada do rosto com água e sabão, mas através da fotografia se fixa como uma possível identidade. Na pintura, a ideia de inabastamento é central. A tela sem chassis carrega duas versões esboçadas da artista, nos lembrando que o eu é sempre um projeto inacabado. Ainda sobre a instabilidade da existência, **Jamila Maria**, em *Como se fosse casa*, coloca fotografias desnudadas de seus suportes sobre pedras portuguesas. As pedras, advindas de um calçamento que derruiu, funcionam como âncoras físicas e simbólicas para imagens que a artista fotografou de dentro de seu apartamento. Através da oposição entre o delicado e o bruto, Jamila parece tentar conferir realidade às imagens que saem do âmbito privado e devem afirmar sua presença.